

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO** | FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo

Trabalho apresentado para a disciplina de História da  
Arquitetura e da Cidade: Teoria e Método [AUH 5867]

**Docentes:**

Profa. Dra. Ana Claudia Veiga de Castro

Profa. Dra. Joana Mello de Carvalho e Silva

**Discentes:**

Isabella Caroline Januário | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UEM

Maria Julia de Castro Herklotz | Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, FAU USP

São Paulo e Maringá, maio de 2020.

## SEMINÁRIO 8: Centro, periferia, mundialização

GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo: história de uma mundialização*. Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. UFMG/ Edusp, 2004. (Prólogo: A virgem das duas torres e Capítulo 1: Ventos do oeste, ventos do leste: um índio pode ser moderno?), pp. 19-51.

### RESUMO

Este seminário analisará os textos que introduzem o livro *As quatro partes do mundo: história de uma mundialização* (2014), do historiador francês Serge Gruzinski. A partir das ideias expostas no prólogo *A virgem das duas torres* e no capítulo 1 *Ventos do oeste, ventos do leste: um índio pode ser moderno?* – o trabalho apresentará o tema central que a obra no texto, os seus objetivos, a hipótese apresentada pelo autor, e o percurso metodológico adotado por ele. Diante disso, mostrará como o texto de Serge Gruzinski se insere no debate sobre centro, periferia, mundialização e circulação das ideias.

### 1. APRESENTAÇÃO DO AUTOR

O historiador e paleógrafo francês Serge Gruzinski (imagem 1), tem sua formação na *École Nationale de Chartes* em Paris, fato que marca a sua trajetória intelectual e o modo de fazer pesquisa como um conhecedor do método historiográfico proposto pela Escola dos Annales na França. Suas pesquisas e análises focam na história das culturas e das sociedades da América colonial, especialmente do México, debatendo a mestiçagem cultural e o processo de mundialização ibérica do século XVI.

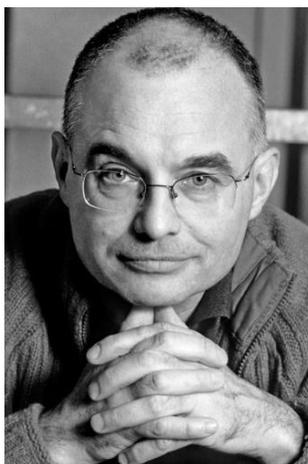


Imagem 1: O historiador Serge Gruzinski.

Fonte: Companhia das Letras. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01134>>. Acesso em 17 mai. 2020.

Após uma viagem ao México em 1960, Gruzinski mudou o foco do seu tema de tese – onde, a princípio, analisaria os problemas econômicos, sociais e culturais dos países baixos no século XVI – e passou a estudar “o processo de aculturação no México Colonial”. Segundo o autor, esse novo campo e recorte o permitia abrir perspectivas de análise dentro da arqueologia, a história dos índios, a história colonial e a antropologia, portanto, um laboratório ideal para combinar estes aspectos<sup>1</sup>.

Ao finalizar a sua tese com pesquisas em fontes documentais encontradas em Roma e Sevilha, bem como a sua vivência de oito anos no México, Gruzinski passa a chamar a atenção em seus trabalhos publicados para a construção de imagens híbridas que ocorreu no processo de colonização do México, sinalizando a mescla entre tradição ocidental e a tradição pré-hispânica, a partir do conceito de *mestiçagem*. Esse conceito foi apresentado em um dos seus livros mais conhecidos “O pensamento mestiço” de 2001<sup>2</sup>, onde o autor evidencia um vínculo entre a cultura dos índios *hopis* do Novo México e a civilização do Renascimento. Para isso ele fez uso de materiais visuais, como pinturas e esculturas nos conventos mexicanos. Essa temática foi retomada no texto “As quatro partes do mundo: história de uma mundialização” lançado em 2004 na França e 2014 no Brasil.

## 2. APRESENTAÇÃO DO TEXTO

### 2.1. O livro

A obra “As quatro partes do mundo: história de uma mundialização” (imagem 2) apresenta uma discussão sobre a conexão entre as histórias do mundo pelo Império Espanhol. Ao estudar, de modo particular, o mundo dominado por Felipe II até Felipe IV, Serge Gruzinski dialoga com a colonização ibérica nos quatro cantos do globo. Para isso, o autor parte de México, ponto central das suas pesquisas, para conexões mais amplas com o Brasil, Japão, Lisboa e Madri.

---

<sup>1</sup> Cf. GRUZINSKI, S. Entrevista com o historiador Serge Gruzinski. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 18, dez. 2003, p. 156.

<sup>2</sup> GRUZINSKI, S. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

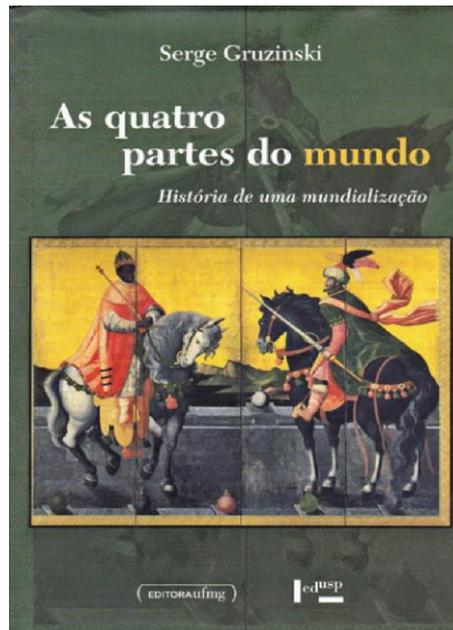


Imagem 2: Capa da 1ª edição brasileira.

Fonte: Editora UFMG. Disponível em: < <https://www.editoraufmg.com.br/>> . Acesso em 17 mai. 2020.

A fim de demonstrar essas amplas conexões, Gruzinski divide o livro em quatro partes: mundialização ibérica; cadeia dos mundos; as coisas do mundo; e a esfera de cristal. Para sinalizar essas histórias, o autor faz uso de ilustrações, mapas e fotografias de objetos dos séculos XVI e XVII.

Os personagens pelos quais o autor apresenta a história são vozes que sempre ficaram esquecidas nos estudos históricos mais clássicos e tradicionais. Ao invés de líderes, generais, vice-reis, governadores, conquistadores, entre tantos outros 'grandes homens', vê-se, aqui, povos, pessoas subalternas, mestiços. Dessa maneira, ao invés de focar em conceitos somente de exploração, colonização, dominantes e dominados, ele também explora a ideia de 'mestiçagem'.

*“As mestiçagens são, em grande parte, constitutivas da monarquia. Estão aí onipresentes. São fenômenos de ordem social, econômica, religiosa e, sobretudo, política, tanto senão mais que processos culturais”*  
(GRUZINSKI, 2014, p. 48).

Portanto, o que Serge Gruzinski busca evidenciar nesse texto é que da união entre povos de culturas distintas, resultante da imposição das leis, da religião, dos modos de vestir, do trabalho e do viver inerentes ao mundo ibérico, surgiu uma sociedade não somente europeia e nem somente indígena, mas sim mestiça.

## 2.2. A estrutura do texto

*Prefácio: A virgem e as duas torres*

Serge Gruzinski introduz o livro a partir de uma referência às histórias conectadas entre a festa religiosa brasileira Círio de Nazaré em Belém (imagem 3), um cozinheiro em Buenos Aires e os atentados a Torre Gêmeas em Nova York (2001, imagem 4). Como dois fatos tão distintos poderiam estar conectados?



**Imagem 3: Procissão do Círio de Nazaré.**  
Fonte: ALVES, 2005, p. 326.



**Imagem 4: Atentado às torres gêmeas em Nova York (2001).**

Fonte: The Atlantic. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/photo/2011/09/911-the-day-of-the-attacks/100143/>> Acesso em 17 mai. 2020.

Gruzinski destaca que na tradicional festa de 13/14 de outubro em Belém – marcada pelo sincretismo e aculturação, a partir de uma mistura de cultura que ocorreu no Brasil – no ano de 2001 foi feito um pedido de paz mundial em referência aos atentados às torres gêmeas. A notícia do atentado terrorista, um fato de importância em escala global, chegou e foi anunciada por um cozinheiro em Buenos Aires de forma instantânea.

Com isso, além de destacar a conexão global de um acontecimento histórico, o autor também chama a atenção que os atentados em Nova York, de certa maneira, marcaram essa relação contemporânea de resistência a um tipo de colonização que se repete, desde XVI, com justificativas por vezes comuns: a defesa dos inocentes. Nesse sentido, Immanuel Wallerstein<sup>3</sup> corrobora para esta ideia de reação trágica provocada no momento da imposição de uma determinada intervenção a favor de supostos valores universais.

---

<sup>3</sup> WALLERSTEIN, I. "Quem tem direito de intervir: valores universais contra a barbárie". In: **Universalismo europeu e retórica do poder**. São Paulo: Boitempo, 2007, pp. 29-62.

Nessa perspectiva, Sege Gruzinski observa que a conexão entre o atentado de 11 de setembro de 2001, um cozinheiro em Buenos Aires, e o círio de Nazaré, pode mostrar como o global fundiu-se no local com base em ajustamentos e mestiçagens. Por isso, questiona: *como explicar os laços entre a mundialização e o amálgama generalizado dos homens e das sociedades sobre o planeta? Onde se detêm as mestiçagens?*<sup>4</sup>

Assim, o objetivo de Gruzinski no texto é abordar a mundialização partindo de do México, do Brasil, das costas da Índia ou da África; descentrar o olhar esforçando-se para vencer as armadilhas do etnocentrismo; interrogar os atores desses fenômenos planetários; enfim, recolocar juntas regiões, seres, visões e imaginários que o tempo separou<sup>5</sup>.

### *Capítulo 1: Ventos do leste e ventos do oeste: um índio pode ser moderno?*

No primeiro capítulo Gruzinski busca apresentar o índio Domingo Francisco de San Antón Mufión Chimalpahin Cuauhtlehuanitzin, nobre chazca – sendo o principal interlocutor com a narrativa. É a partir dos relatos em seu diário que o autor busca entender porque determinados fatos históricos ‘saltaram os olhos’ de um índio no México, e como essas histórias estariam conectadas, a começar pela morte do Rei da França.

- A morte do rei da França

Nessa primeira parte do Capítulo I o autor narra dois acontecimentos descritos no Diário de Chimalpahin: o assassinato de Henrique IV, rei da França em 14 de maio de 1610 (relatado no diário em 18 de setembro do mesmo ano) e a Consagração da Companhia de Jesus no México em 31 de julho de 1610, com a proclamação da beatificação de Santo Inácio de Loyola.

O primeiro acontecimento sem muita relação direta com a Nova Espanha, mas de ressonância mundial. O segundo em uma escala local reforça a proximidade entre Roma e México. Gruzinski ainda narra que, no mesmo 18 de maio, Chimalpahin escreve em seu diário sobre a ordenação de um monge local, Tomás Rivera numa prova de mestiçagem da igreja católica no país.

---

<sup>4</sup> GRUZINSKI, S. **As quatro partes do mundo: história de uma mundialização**. Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. UFMG/ Edusp, 2014, p. 22.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 23.

- Leituras de um crime

O assassinato de Henrique IV por Ravailiac repercutiu na Europa em forma de relatos e análises de diversos autores. Para Roland Mousnier marca a marcha em direção ao absolutismo. Stephen Toulmin sugere a “*recepção do pensamento cartesiano*” É sobre isso o começo do texto que ainda cita Rabelais e Montaigne.

O episódio através do Diário de Chimalpahin chega ao México com destaque à origem de Ravailiac, um “homem do povo”. Para as elites, segundo o autor “um horror suscitado pelo assassinato de um soberano legítimo e católico”.

O autor analisa também o tempo que as notícias levavam para cruzar o oceano (menos de quatro meses) e reforça a ligação da Nova Espanha com o resto mundo.

- Um índio pode ser moderno?

Gruzinski analisa que quando Chimalpahin relata em seu diário, crenças e costumes indígenas, como algo associado aos seus antepassados e, portanto, “antigo” o cronista se posiciona como “moderno”. Essa parte do texto discorre sobre o eclipse do sol de 10 de junho de 1611, narrado pelo Diário de Chimalpahin, onde os astrólogos e filósofos europeus ganham destaque frente às crenças pagãs. A escolha pelo cristianismo aproxima o cronista mestiço de uma suposta modernidade.

No último parágrafo, o autor fala sobre pintores japoneses que representaram Henrique IV com outros monarcas do mundo e a chegada também de japoneses na Cidade do México (imagem 5).

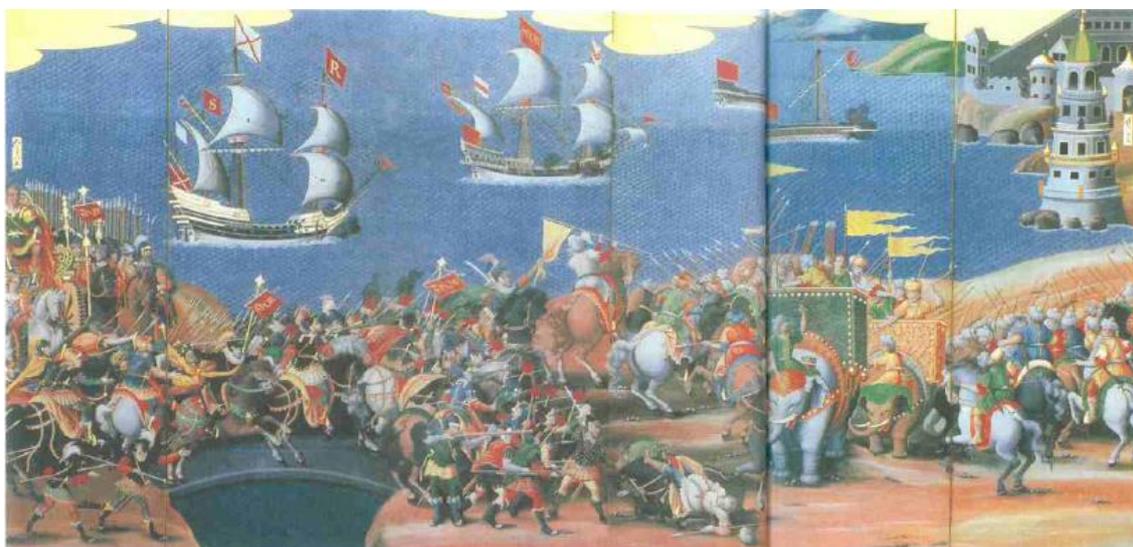


Imagem 5: A batalha de Lepanto. Biombo Japonês, início do século XVII. GRUZINSKI, 2004, p 34-35.

- Japão de todas as esperanças

Alguns acontecimentos relacionados ao Japão e presentes no Diário de Chimalpahin são descritos nessa parte do texto. Em setembro de 1609, a embarcação de Dom Rodrigo de Vivero de volta para Nova Espanha, naufraga em águas japonesas. Após nove meses retoma sua viagem ao destino inicial acompanhado por 23 japoneses. A chegada “destes homens imberbes e pálidos” é descrita pelo Diário. Também estão no Diário a execução dos “Mártires de Nagasaki” em 5 de fevereiro de 1597 em uma perseguição aos cristãos no Japão.

- O mundo segundo Chimalpahin

Gruzinski reserva essa parte do texto com uma pausa em sua narrativa para contar sobre a biografia de Chimalpahin. Sua origem indígena e ao mesmo tempo sua formação católica explica a mestiçagem de seus relatos. Além do acesso que teve a autores clássicos como Platão, Sófocles e Santo Agostinho, Chimalpahin tinha curiosidade por assuntos diversos, registrados em documentos mais cotidianos e locais. O autor sugere que seus testemunhos representam o homem de seu tempo como se a parte explicasse o todo.

- Um reino Universal

O autor deixa claro que a visão de mundo de Chimalpahin passa necessariamente pela figura do soberano Felipe II. Em seu Diário o Rei da Espanha ganha o nome “*Cemanauhac Tlahtohuani*” que na língua *nauátle* significa “Soberano Universal”. As quatro partes do mundo estão não só divididas entre Europa, Ásia, África e Novo Mundo, mas também estão sob o domínio de alguns poucos soberanos.

- Histórias conectadas

Gruzinski fala sobre algumas formas de se narrar a história. Critica o etnocentrismo europeu, e como historiadores do ‘world history’ em aproximações macro históricas tem dificuldade de se aprofundar em seus estudos. Tampouco coloca a micro história como suficiente talvez por não se deslocar nunca para uma escala maior de análise. Ressalta a importância de autores como Fernand Braudel que em Mediterrâneo traz a questão dos “cruzamentos de civilizações”. O Diário de Chimalpahin significa um exemplo de permeabilidade entre esses mundos, numa narrativa descentrada que conecta o que o “tempo e os historiadores desuniram”.

- Um teatro de observação: a monarquia católica (1580-1640)

O autor descreve nos primeiros parágrafos a abrangência da Monarquia Católica no tempo de Chimalpahin. Seu domínio compreendia a Península Ibérica, Itália, Américas, África Ocidental regiões de Índia e Japão entre outras terras longínquas. Ao concluir que a Monarquia Católica é comum a todas essas regiões, mesmo com geografias e culturas distintas, demonstra uma nova possibilidade de recorte. Ela se contrapõe a outras monarquias que dominam o mundo e é o que temos no Diário de Chimalpahin com Henrique IV, o Japão dos Tokugawa ou a Espanha de Felipe II (imagem 6).

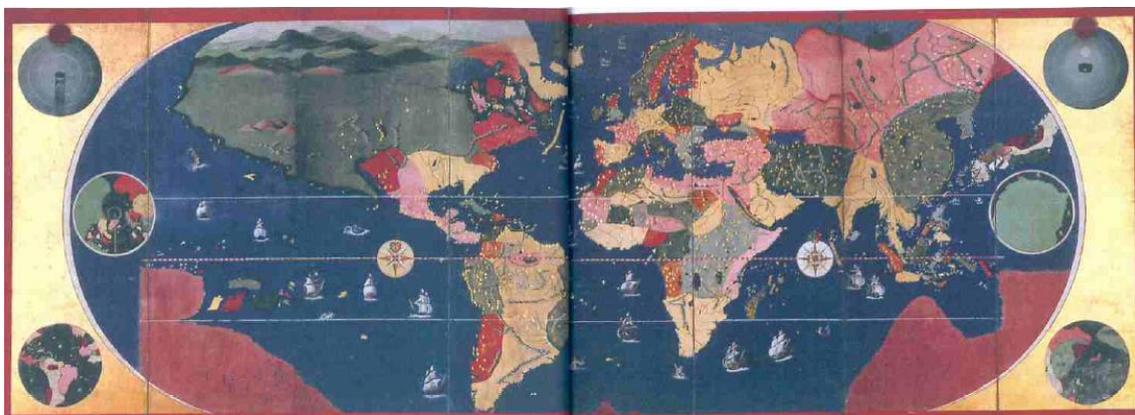


Imagem 6: Mapa do Mundo. Biombo Japonês, início do século XVII. GRUZINSKI, 2004, p. 42-43.

- Mestiçagens e dominação planetária;

Gruzinski encerra este capítulo retomando a questão da mestiçagem colocada no prólogo do livro. Tenta dissociar a mestiçagem da ideia de dominação, apesar de no caso de as Monarquias existirem relações de forças. O Diário do índio Chimalpahin não está preocupado em definir os limites de uma história mundial. Nesse sentido sua importância como fonte de estudo está não apenas nos relatos dos fatos, mas naquilo que os une independentemente da parte do mundo em que acontecem.

### 2.3. Os principais pontos do texto

*Tema:*

A mundialização promovida pelo império ibérico disseminou valores, ideias, pensamentos, costumes, trabalho. O mundo ibérico fez circular livros e saberes. O local e o global passaram a dialogar. Um indígena no Novo México falou das lutas e das disputas referentes ao trono espanhol. Um monge português apresentava sua visão sobre a Índia. Povos africanos eram explicados nas cortes europeias por viajantes vindos da América portuguesa, enquanto nas igrejas e em conventos da América meninos oriundos de aldeias ou assentamentos indígenas desenvolviam os saberes e os valores da religião transmitida da Europa.

Nesse sentido, é possível destacar o problema de pesquisa em que o autor se insere: as dinâmicas e confluências culturais envolvendo europeus e indígenas no processo de conquista e colonização da América, particularmente no México.

Dentro dessa problemática, Gruzinski buscou explorar os temas referente história cultural de uma nação e a da sua apropriação cultural, evidentes na união entre cultura como produção artística e também como modo de vida comum<sup>6</sup>. O autor incorpora essa temática a partir da atuação da Igreja Católica como um importante mediador cultural que colocou em movimento um expressivo contingente de pessoas, de diferentes continentes, além da questão da mundialização ibérica a partir da expansão marítima do século XVI.

*Objetivo do texto*

O objetivo do texto é revelar que a partir de um estudo das “periferias”, descolado de um olhar eurocêntrico, também é possível compreender o processo de ocidentalização, mestiçagem e mundialização. Sob o ponto de vista de Chimalpahin Cuauhtlehuanitzin, Gruzinski evidencia que as dinâmicas e confluências culturais envolvendo europeus e indígenas não ocorreu de forma espontânea. No caso do México, pode-se dizer que houve uma imposição do uso de determinada língua; de religião e de costumes.

---

<sup>6</sup> Nessa perspectiva, Serge Gruzinski se aproxima da tese defendida por Raymond Williams, onde a cultura e o modo de vida corriqueiro, de um indivíduo comum, também se tornam fontes de evidências e objetos de análises. Cf. WILLIAMS, R. Bases e superestrutura na teoria cultural marxista (New Left, 1973). **Revista USP**, São Paulo, n.65, p. 210-224, março/maio 2005.

Mas essa imposição, mesmo assim não eliminou a sua própria cultura. Nesse sentido, o autor se questiona: “um índio pode ser moderno?”. E observa que:

*Quando Chimalpahin evoca costumes indígenas, como o calendário ou as crenças ligadas aos eclipses, ele os reporta sempre aos 'htzehuefqu', aos "antigos". No entanto, não o faz como herdeiro fiel da tradição ameríndia, mas como um letrado 'chalca' que escolheu o cristianismo e que se obstina a distanciar-se de seu passado, sem nem por isso obliterá-lo. É à sua maneira própria de se posicionar como "moderno".* (GRUZINSKI, 2014, p. 32).

Desta maneira, Serge Gruzinski mostra como a colônia se mesclou com a metrópole. As práticas religiosas do catolicismo não eram cem por cento fieis à sua origem, mas ocorriam como resultantes do entendimento que os indígenas tinham delas, e ainda mescladas a elementos retirados das suas culturas, com os quais podiam construir analogias.

*Hipótese levantada pelo autor:*

Para Serge Gruzinski, se existe um paralelo entre a manifestação religiosa que se identifica em Belém, e a sua referência a um fenômeno de importância global como foram os atentados as Torres Gêmeas; e se existiu uma relevância da morte do rei Henrique IV na França em 1610 para a vida de um índio no México; então, percebe-se que o autor investiga nesse texto que desde as navegações e colonizações de novos territórios, pode-se identificar a conexão das histórias múltiplas e que se comunicam de alguma forma no processo de mundialização. No caso da América colonial, por meio da Monarquia Católica (1580-1964) – justamente o berço de uma primeira economia-mundo<sup>7</sup>.

Indagações em *como as referências de origem europeia, oriundas do mundo clássico antigo, teriam chegado à América no século XVI? Como teriam sido apropriadas pelos indígenas e por quê?* – conduzem o raciocínio de Serge Gruzinski para a defesa de evidências sobre as histórias conectadas, incidindo em como as ideias têm forças e motivos para circularem entre lugares tão díspares.

Para Gruzinski esse processo de mundialização como um intercâmbio cultural, promoveu o intenso movimento de pessoas, de ideias, de objetos, de

---

<sup>7</sup> GRUZINSKI, S. *op. cit.*, 2014, p. 46.

valores, implicando assim em misturas, releituras, usos e apropriações pelos sujeitos históricos que nele se envolveram de alguma forma. Dessa maneira, o autor não cai na armadilha de apenas comparar uma cultura com a outra. Mas aprofundar onde as duas se conectam, o resultado que elas produzem, e suas implicações para aquelas sociedades.

Portanto, para Serge Gruzinski não há mais um mundo ameríndio, tampouco ibérico, o que ecoa é um universo multiétnico e plural. Essa diversidade aponta para caminhos e fronteiras que serão parte constitutiva do mundo contemporâneo. A modernidade e os questionamentos do século XXI sobre identidade e direitos dos povos podem olhar para o Império ibérico e perceber nele semelhanças com os debates que aconteciam no mundo dos 'Felipes'.

*Método, eixo de análise, e fontes documentais:*

Por um lado, o texto expõe uma escala de análise pontual, a partir da história do índio Chimalpahin e por meio dele, busca apresentar a relação de aculturação, apropriação cultural, a circulação de ideias e o processo de mundialização na América do século XVI. Nesse sentido, ele se aproxima da vertente culturalista dos historiadores italianos, conforme os textos de Carlos Ginzburg<sup>8</sup> e Giovanni Levi<sup>9</sup>, por dar voz as particularidades do sujeito, e entendê-los como parte de um processo histórico.

Por outro, o autor revela a sua tradição com a Escola dos Annales, ao dizer que o resultado dessas pesquisas e análises também se apoia em uma a uma análise mais ampla – uma “economia mundo” conforme apresenta Fernand Braudel<sup>10</sup> –, justamente por estar inserida no processo de mundialização. Nesse sentido, o autor comenta:

*Para compreender por que o índio chazca Domingo Chimalpahin interessa-se pelo Japão dos Tokugawa e pela França de Henrique IV é preciso, pois, reaprender a transpor os oceanos tirando proveito, por*

---

<sup>8</sup> GINZBURG, C. **Queijos e vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Neste texto, as fontes de análise utilizadas por Carlo Ginzburg, a partir dos documentos sobre o moleiro Menocchio nos autos dos processos, também se aproxima da investigação de Gruzinski com relação ao índio Chimalpahin – buscando evidências em suas anotações no diário.

<sup>9</sup> Cf. LEVI, G. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>10</sup> BRAUDEL, F. O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo à época de Filipe II”. Extraído do prefácio. In: **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 2011, pp. 13-16.

*exemplo das lições de uma 'world history', tão salutar em tempo de retração, luas sem dela utilizar maquinalmente as vias, de tanto que essas aproximações macro históricas sacrificam em profundidade o estudo das situações e dos seres que nos interessam. (GRUZINSKI, 2004, p. 44)*

Portanto, pode-se dizer que o processo metodológico de Gruzinski se apropria de uma transição entre escalas de análise<sup>11</sup> micro – macro história. O autor prioriza o particular (a história do índio Domingo Chimalpahin), mas sem negligenciar o contexto geral (o processo de colonização da América Latina). Nesse sentido, propõe uma pesquisa ampliada a partir de estudos de caso pontuais, mas que podem se conectar.

Outro aspecto relevante das pesquisas do autor é o valor atribuído as imagens como fontes de pesquisas. Segundo o autor, essa tradição reflete muito do pensamento historiográfico de dentro do próprio lugar de análise – da realidade historiográfica do México, onde o meio de transmissão de comunicação é muito mais a partir da imagem do que da palavra<sup>12</sup>. O que também ocorria no passado colonial, porque os índios falavam suas línguas, os africanos falavam línguas africanas. Assim, destacam-se suas abordagens nas fontes documentais – não apenas as escritas, mas particularmente as iconográficas, colocadas como elementos centrais na formulação conceitual em torno das ideias de mestiçagem cultural e de mediações culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a globalização ibérica nos séculos XVI e XVII pode nos levar a refletir sobre a globalização capitalista em nossos dias, e seus desdobramentos no campo cultural. Ao adentrar em um mundo que se foi, percebe-se sua permanência, a exemplo dos mecanismos de exploração, de resistência, de apropriação cultural, e de hibridização das ideias. Também reforça a importância de recorrer a um pensamento menos eurocêntrico e mais apropriado com questões políticas e econômicas contextuais.

Nesse sentido, os textos *A virgem das duas torres* e *Ventos do oeste, ventos do leste: um índio pode ser moderno?* – e suas as temáticas abordadas, estimulam pesquisas no campo da arquitetura e urbanismo sob uma perspectiva histórica que

<sup>11</sup> Cf. REVEL, J. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

<sup>12</sup> GRUZINSKI, S. Entrevista com o historiador Serge Gruzinski. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 18, dez. 2003, p. 158.

leve em consideração todas essas as dinâmicas culturais e sociais, não somente nas antigas áreas de colonização ibérica, mas em todo e qualquer processo de encontros diversos que produziram produtos na área de projeto ou urbanização das cidades – cujos desdobramentos ainda hoje estão presentes e se fazem notáveis.

Também para o campo da arquitetura e urbanismo, a abordagem metodológica de Gruzinski de transição entre as escalas na narrativa histórica, apoiada na interpretação de um material iconográfico, nos servem como exemplos de fontes de pesquisa por recorrer a imagens produzidas por esses “sujeitos”, como produtos do seu tempo e retidos na história, mas que sinalizam uma expressiva circulação de ideias.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. **Estud. AV, São Paulo**, v. 19, n. 54, p. 315-332, Aug. 2005. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S010340142005000200017>. Acesso em 17 de maio, 2020.
- BRAUDEL, F. O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo à época de Filipe II”. Extraído do prefácio. In: **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 201, pp. 13-16.
- GINZBURG, C. **Queijos e vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GRUZINSKI, S. **As quatro partes do mundo: história de uma mundialização**. Belo Horizonte/ São Paulo: Ed. UFMG/ Edusp, 2014. Prólogo: A virgem das duas torres e Capítulo 1: Ventos do oeste, ventos do leste: um índio pode ser moderno? pp. 19-51.
- \_\_\_\_\_. Entrevista com o historiador Serge Gruzinski. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 18, dez. 2003. Doi: <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6332>. Acesso em 10 de maio, 2020.
- \_\_\_\_\_. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LEVI, G. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- REVEL, J. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- WALLERSTEIN, I. Quem tem direito de intervir: valores universais contra a barbárie. In: **Universalismo europeu e retórica do poder**. São Paulo: Boitempo, 2007, pp. 29-62.
- WILLIAMS, R. Bases e superestrutura na teoria cultural marxista (New Left, 1973). **Revista USP**, São Paulo, n.65, p. 210-224, março/maio 2005.